

ACADEMIA PAULISTA  
DE LETRAS

Cmp 2.1.10.67



---

**PAULO SETUBAL**

---

cadeira 10

HOMENAGEM AOS 90 ANOS



1-1-1893 • 4-5-1937

*Paulo Setubal*

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO • SECRETARIA DA CULTURA  
ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS  
CENTRO CULTURAL "FRANCISCO MATARAZZO SOBRINHO"

A casa onde nasceu o escritor Paulo Setubal - Tatuí (SP)



A passagem dos 90 anos de nascimento de Paulo Setubal e as homenagens que lhe serão prestadas, evocam e salientam, para uma necessária revalorização, a figura de um singular escritor paulista.

Nos anos 20 e 30, pois morreu prematuramente em 1937, Paulo Setubal elaborou com persistência e coerência, uma obra voltada, quase que inteiramente, aos temas históricos.

Excelente narrador, fez dos fatos históricos uma oportunidade para o exercício de sua imaginação, realizando uma semi-ficção de grande sedução e beleza, que nos confiscava na leitura corrente e ininterrupta.

A história do Brasil, nos enfoques sobre o Príncipe de Nassau, a Marquesa de Santos, Fernão Dias, os Irmãos Leme, D. Pedro I, se fazia concreta, acessível, atraente.

Sempre no campo dos eventos nacionais, fez romances, elaborou contos, escreveu crônicas e ensaios e reconstituiu episódios.

Balizando essa corrente de evocações, o seu primeiro livro "Alma Cabocla", poemas regionais, exemplar autêntico da melhor cultura caipira, tipicamente paulista e o seu último livro, "Confiteor", memórias de forte inspiração espiritual e que pareciam prever a sua morte.

São Paulo deve ao escritor de Tatuí uma compreensão que ainda não lhe deu totalmente e, que sua obra está exigindo. Daí a significação e a importância desta comemoração.

Paulo de Oliveira Leite Setubal (1893-1937) pertenceu à fase inicial, modesta e atribulada, da Academia Paulista de Letras. Ocupou a cadeira 10 como primeiro sucessor do titular fundador, Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães (1860-1931). Não se guardou a data de sua escolha. Sabe-se que em 1934 já estava eleito, mas não empossado. Não obstante, comparecia às sessões e participava das votações e promoções. Prestigiou a Academia com a sua presença e o seu renome, e segundo a tradição oral, partiu dele a proposta da elevação de seu amigo René Thiollier a secretário-perpétuo.

Setubal foi, talvez, o derradeiro grande vulgo das letras nacionais a morrer vitimado pela tísica. Realizou o triste fadário dos poetas românticos, ele também cantor dos líricos versos de "Alma cabocla". Seu desaparecimento consternou os confrades e amigos da Academia. Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Rubens do Amaral e René Thiollier, em magistras orações insertas na "Revista" do sodalício, comentaram a sua obra e enalteceram o autor.

Correram os anos. A Academia floresceu, ganhou sede, criou fama, e Paulo Setubal não ficou esquecido. Em uma das mais lúcidas interpretações do escritor e de sua obra, Leonardo Arroyo aponta em Paulo Setubal o pioneirismo na história romanceada. De fato, ele inovou no tratamento dispensado às figuras e aos fatos históricos. E romanceando da forma mais atraente — excelente narrador que ele foi — popularizou sucessos e personagens do passado brasileiro. E agora, ao se completarem 90 anos de seu nascimento, a Academia Paulista de Letras associa-se à Secretaria de Estado da Cultura e ao Centro Francisco Matarazzo Sobrinho nas expressivas promoções que evocam e homenageiam o primeiro titular-sucessor da cadeira 10.

*Lycurgo de Castro Santos Filho*  
Presidente da Academia Paulista de Letras

Um escritor preocupado com o passado, soube construir um painel de obras, revivendo acontecimentos marcantes da nossa história. Com o sabor de crônica, procura a cada episódio transmitir uma verdadeira lição de civismo. Soube enfocar esses fastos com o poder de uma linguagem fluente e de leitura cativante.

Paulo Setubal marcou o seu tempo, conquistando um lugar de destaque no panorama da literatura brasileira, como poeta e ficcionista e, sobretudo, o memorialista. Suas preocupações pelos temas nacionais foi a tônica.

O Centro Cultural "Francisco Matarazzo Sobrinho" promove as homenagens aos 90 anos de nascimento de Paulo de Oliveira Leite Setubal, como ponto de referência para reavaliar a importância dessa obra marcante. O paisagista triste de "Alma Cabocla", evocador de temas históricos, conferencista de palavra fácil, político atuante. Um instante de reflexão sobre a presença do escritor em seu tempo, significa o retorno para releitura de suas obras com o objetivo de reeditá-las para admiração e respeito de novas gerações. Esse é o propósito das homenagens programadas conjuntamente com a Secretaria de Estado da Cultura e a Academia Paulista de Letras, para reciclar páginas magistrais escritas pelo escritor de Tatui.

*PAULO NATHANAEL PEREIRA DE SOUZA*

Presidente do Centro Cultural  
"Francisco Matarazzo Sobrinho"

## PAULO SETUBAL E SEU TEMPO

Ainda é oportuno lembrar conceitos de Paulo Setubal, cuja visão de seu tempo tem o mesmo ângulo da visão de hoje. São palavras que ficam gravitando, pela oportunidade e pela atualidade:

"Tudo quanto se fez, consciente ou inconscientemente, para que o Brasil fosse Brasil, está certo.

Tudo quanto pudesse deixar de ser feito, desde que deixássemos de ser Brasil tal qual o somos, estaria errado. Conhecer o Brasil não é apenas um dever de qualquer de nós. É a satisfação de uma necessidade imposta pela vida aos que aqui nasceram. No entanto, a maioria dos brasileiros não o conhece".

Este conceito tem sua oportunidade, sempre que o nome de Paulo Setubal é evocado, quer através de sua vida, quer de sua obra. A Semana Paulo Setubal tem por princípio básico evocar o seu patrono. Justa e merecida a foto distribuída

pela CESP - Centrais Elétricas de São Paulo S.A., com esta frase: "Feliz a cidade que tem filhos como este". Nada mais, sem qualquer alusão ao nome do escritor ou à sua obra. Feliz a idéia, feliz a iniciativa, mas, deveriam difundir no verso os dados biográficos do escritor e de sua obra.

Paulo Setubal tem razão, quando diz que "a maioria dos brasileiros não conhece", referindo-se ao Brasil, eu acrescento também referindo-se ao próprio Paulo Setubal. É muito pouco o que tem sido dedicado à vida e obra do escritor de Tatui. Realmente muito pouco.

Estudioso da vida literária, ao percorrer volumes incorporados numa estante de compêndios e histórias da nossa literatura, consultando índices de nomes ou índices onomásticos, o nome de Paulo Setubal está realmente em baixo astral. Aí reside toda a força do escritor, toda a pujança de sua obra, toda a perenidade de seu trabalho. Inegavelmente, torna-se incompreensível a falta de maiores estudos, interpretações

ou reexames de sua obra que marcou um período fértil na literatura brasileira de São Paulo.

Nascido em 1893, estamos na distância próxima de dez anos de seu primeiro centenário de nascimento, oportunidade em que a obra do escritor passará por um reexame total. Será a oportunidade de um check-up completo, onde a avaliação poderá determinar o retorno de uma obra que ficou (não direi no ostracismo) relegada a um plano secundário, sem reedições e sem análises em compêndios da história literária. A data de seu nascimento figura no período de grandes transformações na vida social brasileira, recém saída da abolição da escravidão e a implantação da República. A crise da transição, com o fim do império unitário e o advento do regime federativo, provocou uma quebra de princípios nos padrões de uma sociedade. Como consequência natural desse estado de acontecimentos surgiam crises político-militares e uma acentuação de perturbações financeiras, com a derrocada econômica do encilhamento.

Presença de grandes figuras que atuavam na política, pregando as estruturas do novo regime dentro de um governo provisório. Benjamim Constant, Rui Barbosa, Campos Sales, Quintino Bocaiuva, Eduardo Wandenkolk, eleição do Marechal Deodoro e formação da Constituinte de 1890. Falecimento de D. Pedro II, renúncia patriótica de Deodoro e o novo presidente Floriano Peixoto. Um quadro de profundas crises e crises marcaram o advento do regime, com lutas em vários pontos da federação.

No Estado do Rio Grande do Sul os maragatos (federalistas) travam batalha com os picapaus (republicanos) e surgem outros focos de rebeldia. São aspectos que precisam ser evocados para situar o período em que nasceu o escritor e a sua vivência. Uma vivência que determina no jovem um retorno ao tempo que ficou.

Sua vida vai se plasmando dentro das con-

dições político-sociais desempenhando intensa vivência, chegando a adolescência e passando pela sequência de homens que iam construindo as bases da República, com presidentes encontrando problemas e procurando soluções. Problemas que persistem até hoje, soluções ainda não encontradas. Enfim, todo um painel necessário para o entendimento e a compreensão de cada tempo. Só assim, o leitor ou o ouvinte terá a oportunidade de sentir e analisar a importância de uma obra em seu tempo. Por que ela foi significativa e oportuna. Quais as razões que levaram o escritor a trilhar este ou aquele caminho.

*Prudente de Moraes:* em seu governo é sufocada a guerra de Canudos, com a destruição do mito do Santo Conselheiro, o místico Antonio Conselheiro. Figura estudada e interpretada sob os vários ângulos da ciência, desde a antropológica até a psicológica. Foi uma página da história que ainda preocupa e perturba intelectuais, quer através da ficção, quer através de ensaios. Realmente, o Conselheiro marcou sua presença em seu tempo com uma eterna preocupação: estava certo ou errado o seu pensamento? *Campos Sales:* governo preocupado com as finanças. *Rodrigues Alves:* governo atacando problemas de saneamento, tendo como auxiliares Oswaldo Cruz, Lauro Muller, prefeito Pereira Passos e outros. *Afonso Pena:* presidente doente e sem espírito de luta, morre no poder e Nilo Peçanha termina o mandato. *Hermes da Fonseca:* marca a preocupação de seu governo para sufocar a rebelião de João Cândido e seus marinheiros. Venceslau Brás: teve um governo prudente, culminando com a declaração de guerra aos alemães, em 1917. *Rodrigues Alves* volta ao governo e o conselheiro, doente, faleceu a 16 de janeiro de 1919. *Delfim Moreira* assume e convoca eleições para eleger Epitácio Pessoa.

A 5 de julho de 1922 explode uma rebelião, sufocada em tempo, e iniciaram-se os ciclos revolucionários que marcam a fase de uma definitiva formulação da República. Foi nesse cami-

nhar que o menino adolescente sentiu os problemas de sua época, formando sua personalidade. Uma personalidade vigorosa que vai se refletir em sua obra.

O nascimento de Paulo Setúbal coincide com desabrochar intenso do simbolismo, cujo mestre e grande representante do movimento foi o poeta João da Cruz e Souza. O realismo iniciava sua decadência e a tomada de posição dos simbolistas marcaria um ciclo fértil em nossa literatura, ciclo que vai de 1893 até a eclosão do modernismo. Criado o clima para a implantação dessa escola literária, Cruz e Souza desempenhou relevante papel dentro da história literária brasileira, onde, "além de qualidades invulgares — segundo Antônio Soares Amora — de poeta, além de uma educação literária bem feita e atual, uma ânsia invulgar de ascensão social e moral pela arte (única via possível de sua libertação do estigma racial). Aqui talvez as causas principais de sua proeminência na poesia simbolista brasileira, proeminência de pronto reconhecida pela crítica, que já o põe na altura dos maiores poetas do simbolismo europeu".

Permanência de grandes escritores, críticos, poetas e ensaístas no plano de atividades culturais do fim do século passado até a maturidade do poeta. Atuavam Machado de Assis, Olavo Bilac, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Euclides da Cunha, Coelho Neto e tantos outros. Iria sedimentar sua cultura numa das fases de ouro da literatura brasileira, com grandes pontífices em todos os setores da inteligência.

Em 1897 funda-se a Academia Brasileira de Letras, casa que abrigaria as maiores consagrações no campo da cultura. A primeira diretoria era constituída de: Machado de Assis, presidente; Joaquim Nabuco, secretário geral; Rodrigo Octávio, 1.º secretário; Silva Ramos, 2.º secretário; Inglês de Souza, tesoureiro. Quarenta foram os primeiros ocupantes das cadeiras azuis da imortalidade, onde seus nomes representavam o que de mais digno e capaz existia na época.

Uma plêiade de nomes consagrados, vivendo

e atuando no campo das letras, determinavam a visão de conjunto ao então menino-adolescente a percorrer os caminhos da vida literária. Viviam no ciclo da fase em que o crítico Tristão de Ataíde chamou de pré-modernismo. Verbete que figura no "Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira" e que afirma taxativamente: "período por excelência sincrético, para ele confluem as tendências parnasianas e simbolistas, na poesia (daí falar-se em neo-parnasianismo e neo-simbolismo), e as realistas e naturalistas, na prosa de ficção. Convém, no entanto, distinguir entre as correntes conservadoras e as inovadoras que coexistem durante esses anos". Era uma busca e rebusca pelos caminhos do início da era da tecnologia, onde os intelectuais se agitavam em constantes tréguas. Um primeiro quarto de século XX todo ele sedimentado em bases e estruturas para uma nova tomada de posição.

Surgem obras marcantes na bibliografia brasileira, como "Os Sertões", obra de vulto de Euclides da Cunha a explodir em verdadeira revolução no campo da ensaística, numa redescoberta das nossas próprias raízes. Antônio Cândido coloca essa fase como redentora e coloca o ciclo com "as tendências oriundas do naturalismo de 1880-1900, tanto na poesia quanto no romance e na crítica, propiciaram na fase de 1900-1922 um compromisso da literatura com as formas visíveis, concebidas pelo espírito principalmente como encantamento plástico, euforia verbal, regularidade. É o que se poderia chamar naturalismo acadêmico, fascinado pelo classicismo grego-latino já diluído na convenção acadêmica européia, que os escritores procuravam sobrepujar às formas rebeldes da vida natural e social do Novo Mundo".

Plasmou a sua personalidade num clima de intensa vibração literária até o advento da Semana Moderna, em 1922. Conviveu com as maiores expressões e delas deve ter tirado essência para caracterizar sua obra. Sentiu o alvorecer da crítica em duas expressões, entre tantas outras; a de Sílvio Romero e a de José Veríssimo. Determinação de uma série de obras de

cunho regionalista, com a explosão sertaneja de Afonso Arinos com "Pelo Sertão", Viriato Correia com "Cantos do Sertão", Hugo de Carvalho Ramos com "Tropas e Boiadas", Coelho Neto com "Sertão", e o já mencionado "Os Sertões" de Euclides da Cunha.

Usando uma expressão de José Aderaldo Castelo: "o que pesaria no caso seria a formação do escritor e, em função dela, o tratamento expressivo, técnico, formal, estético, dado a sua temática preferida, sempre em parte revisão de preferências anteriores e, em parte, criações ou contribuições enriquecedoras do movimento".

Foi o período de decadência de estilos ou escolas literárias com o advento de uma ebulição marcante na vida literária brasileira. O romance teve seu grande mestre em Machado de Assis, ao lado de outros romancistas, vivendo o período glorioso de 1870 a 1920, num estudo criterioso e analítico de Lúcia Miguel Pereira, situando bem o período de formação do nosso escritor, notadamente nas duas décadas iniciais do século XX:

"Conduzindo da agonia do romantismo como escola ao limiar do modernismo, este período, se possui alguma unidade, será a da tentativa, por parte de escritores de índoles diversas, de fugir ao idealismo, obedecendo em geral mais às idéias de seu tempo do que ao seu temperamento. Há um clima, uma atmosfera moral e intelectual peculiar a cada época, que impregna quantos nela vivem. Na era do progresso industrial, do evolucionismo, do materialismo histórico, não foi necessário ler Darwin, Comte e Marx para sentir, mais clara ou confusamente, que a razão dominava o sentimento e os critérios objetivos se deviam sobrepor aos subjetivos. As três tendências que surgiram na nossa ficção em fins do século passado — a da análise psicológica, com Machado de Assis, a naturalista, com Aluísio de Azevedo, a regionalista com Afonso Arinos e Valdomiro Silveira — convergem afinal, apesar das suas dessemelhanças, para uma posição realista que, se nem

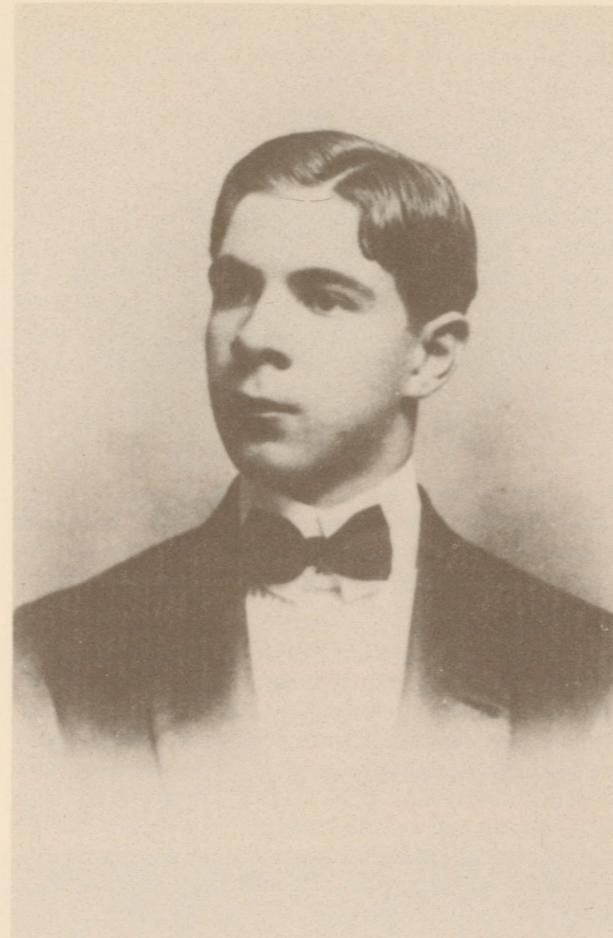
sempre foi conseguida, representa um ideal comum; e quando se buscam rumos morais, as intenções significam muito. O simbolismo, que teve um caráter de reação espiritualista, foi em prosa, a bem dizer, abortivo.

"Dentro, porém, dessa frouxa unidade essencial, grande é a pluralidade de caminhos, de pontos de vista, de modos de escrever e de sentir. Essas diferenças não se manifestam sucessivamente, antes foram concomitantes e paralelas. Basta lembrar que Machado de Assis, destes cinquenta anos, escreveu durante trinta e oito, Taunay, durante vinte e oito, Coelho Neto durante vinte e sete, continuando a sua atividade por mais de um decênio depois de 1920. E, afora terem sido patricios e contemporâneos, pouco há de comum entre esses três homens, ou melhor, entre esses três escritores".

Situado bem no painel literário, Paulo Setúbal passou a partir de 1920, a produzir uma obra que tinha por objetivação a retrospectiva histórica. Íntegro e integrante de uma unidade de movimento literário onde predominou o condicionamento para a renovação. Teve fortes doses para formar seu caráter de escritor e de intelectual.

Nesse clima rico e fértil viveu a adolescência. Paulo Setúbal determinou um roteiro que iria marcar com sucesso a caminhada em busca da glória. Essa glória ele a conquistou e está expressa nas palavras emotivas e confidenciais de seu "Confiteor". Teve razão de sobra o poeta Arruda Dantas ao afirmar: "Paulo Setúbal teve, plenamente, a evolução de um sol". Uma evolução marcante no campo da literatura e fica com todo seu esplendor a raiar com suas obras primas no campo do romance histórico e delimitado dentro de um período de nossa literatura.

A fase do penumbrismo e do pré-modernismo provocou intensa movimentação nos meios culturais do Brasil, culminando com a



*À Floresto, meu distinto  
amigo, uma lembrança de  
Paulo Setúbal*

Foto ofertada ao colega Floresto Bandecchi  
(turma de 1909 do Ginásio do Carmo)



*J. Arracino  
S. PAULO*  
*A minha santa Mãe, a minha adora-  
da Mamãe, esta lembrança do fi-  
lho amiguíssimo*  
*Paulo*

9.12. 914

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito  
de São Paulo e dedicatória à mãe (9-12-1914)

realização da Semana de Arte Moderna, um marco já estudado exaustivamente. Há uma necessidade de se reexaminar muitos dos ângulos, ainda obscuros desse movimento futurista. São antecedentes que possuem implicações que ainda estão em plano secundário. Aqui surge a oportunidade de um paralelo de dois ensaístas e críticos da literatura brasileira, cujas obras marcam significativas contribuições para a compreensão do fenômeno literário. Inicialmente, refiro-me a Alfredo Bosi, autor da "História concisa da literatura brasileira", onde há apenas uma breve menção a Paulo Setúbal em sua obra. Dois parágrafos devem ser reproduzidos, para melhor compreender o sentido imposto a uma produção literária, na opinião do estudioso, fixando sua posição interpretativa:

"O termo *futurismo*, com todas as conotações de "extravagância", "desvário" e "barbarismo", começa a circular nos jornais brasileiros a partir de 1914 e vira ídolo polêmico na boca dos puristas. Estes e o leitor médio haviam ignorado ou posto em ridículo as inovações simbolistas, como o verso livre, e ainda preferiam Bilac, Vicente e menores. Vicejva, ao lado da prosa regional, um gênero de verso sertanista, meio popular meio culto, que, assinado pelos "caboclos" Cornélio Pires e *Paulo Setúbal* ou pelo pernóstico Catulo da Paixão Cearense, dava a medida do gosto híbrido a que se chegara.

Nesse clima, só um grupo fixado na ponta de lança da burguesia culta, paulista e carioca, isto é, só um grupo cuja curiosidade intelectual pudesse gozar de condições especiais como viagens à Europa, leitura de *derniers cris*, concertos e exposições de arte, poderia renovar efetivamente o quadro literário do país".

Realmente, a renovação veio em sua totalidade, procurando tornar a cultura brasileira voltada aos seus parâmetros brasileiros. E do penumbrismo e da rebeldia e todos os ismos foi

nascendo a pujante cultura brasileira, na evolução cíclica de renovações. Se a Semana de Arte Moderna foi "o ponto de encontro", como diz o crítico, os antecedentes englobaram contribuições importantes para essa consequência.

Os conceitos emitidos em torno deste ou daquele escritor ou poeta, cuja tônica de menosprezo, em nada diminui o conteúdo de um todo período da vida literária brasileira. A literatura regional possui sua importância, sua conceituação como forma de criatividade, conquistando uma posição como marca de cada tempo. A simples menção de um nome, num contexto, em nada diminui em importância a obra do escritor.

Fica esse enfoque de Alfredo Bosi, como uma força maior para o reconhecimento da obra de Paulo Setúbal, de Cornélio Pires, de Catulo da Paixão Cearense, de tantos outros que contribuíram com sua criatividade a conhecer melhor o Brasil.

Já um outro crítico literário, Wilson Martins, em sua "História da Inteligência Brasileira", dá um tratamento a Paulo Setúbal dentro do contexto de um tempo. Como venho afirmando sempre, há uma necessidade total de se encarar uma obra em seu tempo com a visão de perceber sua importância em outros tempos. Ao referir-me ao período do penumbrismo ou do pré-modernismo, muitas obras surgiram com conotações diversas, preocupadas em retratar o Brasil em suas formas primitivas ou exóticas. Cada autor tem a sua importância, o seu enfoque, a sua visão cósmica do universo que o cerca. Ele utiliza o seu visor para retratar a sua realidade. Aí reside a unidade de uma obra cuja inspiração proporciona a possibilidade que o poeta tem de positivo na fixação do texto poético. Uns são prolixos, outros são ricos. Todos formam partículas significativas para a elaboração do grande painel da literatura brasileira.

A comparação de dois parágrafos de enfoque da obra de Paulo Setúbal, proporciona uma



Turma de bacharéis de 1914



Casamento do escritor - Paulo e Francisca (1922)



Laerte Setubal, Dagoberto Bittencourt, Moacyr de Toledo, Paulo Setubal (1-1-1918)

oportunidade para conclusões positivas da importância de uma obra. Wilson Martins determina em "A Cidade e as Serras" esse conceito sobre o autor de Tatui:

"E, de repente, como se tudo estivesse maduro, conciliando no mesmo texto a inspiração caipira e a língua correta dos gramáticos, o pitoresco do sertão e os sentimentos civilizados da cidade dando expressão perfeita e fluente à idade de ouro campestre contra o mundo fuliginoso dos centros "adiantados", dominando o instrumento poético com espontaneidade, e segurança raramente vistas entre os nossos escritores, elevando o regionalismo a literatura, encontrando, num relâmpago de gênio, o título que resumia e condensava todas as secretas nostalgias do momento, surge Paulo Setúbal (1893-1937), com *Alma Cabocla*, cuja edição original de 3.000 exemplares esgotou-se em menos de um mês.

Como *A Moreninha*, como a *Marília de Dirceu*, como *Iracema*, *Alma Cabocla* tornou-se um dos nossos livros permanentes, um daqueles que não apenas marcaram o seu momento literário, mas, ainda, encontram gerações de leitores nas gerações que se sucedem, para além das modas transitórias, das teorias estéticas e dos postulados críticos. Isso significa que esse livro toca uma das nossas cordas emocionais e estimula qualquer nervo profundo da nossa sensibilidade. As razões são as que acima se enumeraram, mas elas não poderiam assegurar por si sós a fortuna excepcional do volume, se não fossem servidas por um idioma poético em que a naturalidade de expressão lhes confere, por assim dizer, a evidência das verdades irrecusáveis:

Minha terra... Aí, com que abalo,  
Com que sincera emoção,  
Eu, dando rédea ao cavalo,  
Margeio este fundo valo,  
— Caminho do meu torrão!

Ninhos... flores... que tesouro!  
Que alegria vegetal!  
A luz do sol, quente e louro,  
Com seus penachos cor de ouro,  
— Como é lindo o milharal!

Aqui, em meio a isto tudo,  
Eu — que ironia cruel! —  
Tenho o desejo sanhudo  
de espedaçar o canudo  
Com a carta de bacharel,

E, na doçura que encerra  
Esta simpleza daqui,  
Viver de novo, na serra,  
Entre as gentes desta terra,  
A vida que eu já vivi... "

Eis dois conceitos emitidos em torno de um escritor, cuja obra precisa ser reavaliada em estudos, interpretações, determinando a real posição que tem urgência em sua reivindicação.

Um autor que deveria proporcionar oportunidades de uma reedição global de sua obra, conquistando a geração de hoje. Um poeta da vida rural, tal como, o escritor Valdomiro Silveira no conto, necessitam de reavaliação. Aí está a oportunidade de um tema ligado aos estrangeiros, cujo debate provoca uma celeuma nacional, e o poeta na singeleza de seus versos, canta:

Que cantem!... Essa cantiga,  
Brotada no coração,  
Seja a prece que bendiga  
A terra que hoje os abriga,  
A pátria que lhe dá o pão!

Tem razão o crítico Wilson Martins, quando diz que existe uma extraordinária unidade no tom e na inspiração contido em "Alma Cabocla", onde cada verso tem fluência ímpar:



Paulo Setúbal



O escritor e seus filhos Olavo, Maria Vicentina e Tereza, Kyburg (maio de 1929)



Paulo Setúbal de palheta e bengala

Por essas tardes plácidas do campo,  
— Tardes azuis de firmamento escampo,  
Eu vou, através de longos carregadores,  
Sentar-me num barraco, ermo e distante,  
Sentindo o fresco aroma penetrante  
Que vem da madressilva aberta em flores...

A simplicidade poética de Paulo Setúbal proporciona oportunidades de avaliação de seu sucesso na época do lançamento do livro. Não tenciono tecer maiores análises sobre cada um dos livros de Paulo Setubal, missão que já foi desenvolvida por conferencistas primorosos, por estudiosos concorrentes aos prêmios Paulo Setúbal. Apenas a contribuição para um reexame da obra dessa figura ímpar da literatura brasileira feita em São Paulo. É chegada a hora de maiores preocupações em torno da vida e obra de Paulo Setúbal, procurando imprimir uma maior dinâmica de seu reencontro com gerações.

Em outra oportunidade, aqui em Tatui referi-me a ausência de Paulo Setúbal do contexto literário brasileiro. Aqui repito e tenho certeza de que decorridos quinze anos, continua a persistir a mesma situação:

“Essa ausência do romance de cunho histórico ou retrospectivo de nosso passado, levamos ao raciocínio da importância da presença de Paulo Setúbal no panorama da literatura brasileira, uma presença que se define na reedição de suas obras. Um conjunto de treze livros abrangendo vários gêneros, variando da poesia à memória, do romance à digressão histórica, conquista uma posição ímpar em nossa literatura, usando uma fórmula bem dosada para a conceituação de sua obra, na homogeneidade de um ideal, singeleza lírica numa mescla com o sentimento ingênuo, procurando atrair grande massa de leitores sem as preocupações da verdade histórica. É autor ausente dos suplementos literários marginalizado pelos estudiosos, esquecido da importância de uma obra de reais perspectivas. Rebuscando através de pesquisas

em anuários literários, não encontramos nenhum artigo ou estudo publicado na grande imprensa. Salvo um ou outro cronista a lembrar a presença de Setubal, nos últimos anos”.

Eis o que afirmo há quinze anos e, com certa segurança, reafirmo hoje, determinando o vazio em que se encontra o escritor e sua obra. Já é tempo e fica a sugestão de um levantamento bio-bibliográfico a ser editado com urgência, para avaliação dessa obra. A bibliografia de Paulo Setúbal é um passo urgente que fica como lembrete aos estudiosos e admiradores do escritor.

Desejo trazer um depoimento de Rubens do Amaral, outro grande esquecido, numa crônica memorável, merece alguns dados físicos e espirituais do escritor, traçando-lhe uma espécie de retrato falado. A intimidade da convivência de um grupo de intelectuais e que um dia ficam curtindo a saudades. Ouçamos a fala de Rubens do Amaral, falando de Setúbal:

“Porque um dia apareceu nas rodas das letras e do jornalismo com a doçura dos seus olhos azuis, os cabelos louros e as faces rosadas de um bebê, a parar como uma criança prodígio, numa luminosa puerícia que durou toda a sua vida em ternura de coração e transparência de alma. E porque quem não o viu, mas o leu, tinha na obra do escritor em pessoa. Paulo escrevia como falava. A leitura de seus livros era como que uma longa palestra. Ou palestrar com ele era saborear páginas de uma obra não escrita que jorrava e se perdia porque não estava a seu lado um taquígrafo que dali fosse traduzir os originais para a tipografia. Disse-se até, com malícia, que nos seus livros só havia, sob mil formas, um único personagem: Paulo Setúbal — tanto o autor e a obra se identificam em natureza e espontaneidade.....

Não tinha ódios, nem inimigos. Na sombra dos companheiros que se alteraram, não viu a escuridão; via a frescura acolhedora e amiga. Nunca rilhou os dentes à notícia do sucesso

dos seus emulos. Nunca esmagou com o seu desdém de grande escritor os recrutas das letras. Nunca ninguém lhe sentiu as farpas de um despeito, de uma hostilidade, sequer de uma indiferença. Em compensação, para desmentir a crença na incurável maldade dos homens, Paulo pode alegrar-se de ver que os seus exitos eram júbilos para todos nós, escapando incolumemente ao tributo dos que vencem, pago em flechas e pedradas dos que fracassam e se vingam do destino lançando sobre os mais felizes o vitriolo da inveja”.

Assim era Paulo Setúbal. Visualizado por um companheiro de rodas literárias, traçando-lhe um perfil singelo e oportuno. Uma riqueza descritiva marca a homenagem ao escritor, cuja vida e obra vem se reencontrando a cada Semana Paulo Setúbal. Outros aspectos, outras facetas, outros ângulos devem ser reexaminados, visando a contribuição para legar às gerações a presença de um escritor e sua obra, ano a ano revivida em Tatui de nosso Brasil.

O conforto da fé sintetizado na obra “Confiteor”, provoca a oportunidade de uma leitura de carta de Paulo Setúbal endereçada a Orígenes Lessa, cujo original se encontra incorporado ao acervo da Biblioteca Municipal de Lençóis Paulista, cujo patrono é o autor de “O feijão e o sonho”. Ouçamos o bilhete de Setúbal, falando de seu tempo:

“Meu caro Orígenes:

Um abraço —

O médico exigiu a minha partida para S. José dos Campos. Por isso não escrevi daqui (estive de cama vários dias) o que v. me pediu. Enviarei de lá. No próximo sábado você terá o trololô em mãos. Mandarei à Editora.

Deixo com minha mulher os retratos pedidos. Quanto às edições estrangeiras do meu livro, você poderá tel-aas sob sua responsabi-

lidade: isto é, leva-as a devolver imediatamente. São as únicos que eu possuo!

Do Paulo Setúbal

A carta provoca um comentário a parte, onde inexistem reproduções de uma correspondência viva e oportuna de escritores. Já pensei e repensei em arregaçar as mangas para a reunião de correspondência ativa e passiva. Mas, a falta de tempo e de certa forma uma oportunidade, a missão vai ficando para os mais jovens. Em Lençóis Paulista, existe um acervo de 600 cartas de escritores, cujo acervo emocional e empolga. Tive a oportunidade de consultá-lo. Senti a presença de um tempo registrado. Ainda nessa diretriz, recorro a Josué Montello, autor do livro “Na Casa dos Quarenta”, em cujas páginas encontro este depoimento ligado ao conforto da fé, num contato de Paulo Setúbal ao visitar Humberto de Campos.

É o desígnio da dor:

“Poucos dias antes de ser submetido à melindrosa operação de que não sobreviveria, recebeu Humberto de Campos a visita de Paulo Setubal, a esse tempo também gravemente enfermo.

— Você deve transformar a sua dor em fé, Humberto — diz-lhe o visitante, depois de aludir aos padecimentos que atormentavam dia e noite o cronista de *Lagartas e Libélulas*.

E Humberto:

— Isso não depende de mim. Eu queria ter fé e não tenho.

E Setúbal, depois de saber que o confrade da Academia já havia lido a *Imitação de Cristo* sem proveito espiritual:

— Por que você não conversa com um padre inteligente?

— O que eu quero — retruca Humberto de

Campos — não depende dos padres: depende de Deus.

E Setúbal, consolado da certeza da morte com a certeza de uma vida além da vida:

— Pois olhe: eu sou católico, apostólico, romano. E sou feliz!"

Henrique L. Alves

A' minha velha Maria,  
Sempre a mesma, isto é,  
Sempre santa, aqui vai,  
beijando-lhe os lábios, esta  
lembrançainha do filho  
gratíssimo José Jo  
1934. L. Alves

Dedicatória à mãe



Discursando na Luz, em 1932

Edição arabe de "A Marquesa dos Santos" - coleção L. Kalil

Participando da Revolução Constitucionalista



الدكتور باولو سينوبال مؤلف الرواية

## مركيزة سانتوس

رواية برازيلية تاريخية غرامية

تدور حوادثها على استقلال البرازيل

والامبراطورية الأولى

بتأليف الدكتور باولو سينوبال

نقاصاً الى العربية

نظير زيتون

محرر جريدة فتى لبنان

تأليف الترجمة وإعادة الطبع محفوظة

تحت النسخة ٣٠٠ غرض برازيل في الخارج دولاران

## OBRAS PUBLICADAS

### I — *Poesia:*

"Alma Cabocla", 1920

### II — *Romances históricos:*

"A Marquesa dos Santos", 1925

"O Príncipe de Nassau", 1926

"A Bandeira de Fernão Dias", 1928

"Os Irmãos Leme", 1933

### III — *Contos Históricos:*

"As maluquices do Imperador", 1927

"Nos bastidores da história", 1928

### IV — *Crônicas:*

"O ouro de Cuiabá", 1933

### V — *Episódios Históricos:*

"El-Dorado", 1934

"O sonho das esmeraldas", 1935

"O romance do Prata", 1935

### VI — *Ensaios:*

"Ensaios históricos"

### VII — *Teatro:*

"Sarau no Paço de São Cristóvão", 1926

(peça histórica em 3 atos)

### VIII — *Memórias:*

"Confiteor", obra póstuma

## FONTES DE ESTUDO

Alves, Henrique L. — "Setubal e o romance histórico" — Revista do Arquivo Municipal, vol. CLXXXIII — S. Paulo — 1972

Arroyo, Leonardo — "Paulo Setubal e a cadeira austriaca" — Revista da Academia Paulista de Letras, n.º 76, outubro de 1970

Azevedo, Paulo Silvio — "Oração funebre" — Tatui — 1937

Bologna, Américo — "Paulo Setubal — evocação e pinceladas" — in "Vozes do Tempo de Setubal" — Traço Editora — 1983

Bossi, Alfredo — "História concisa da literatura brasileira" — Editora Cultrix — 1978

Campos, Humberto — "Crítica" — 3.ª série — José Olimpio Editora

Correa, Nereu — "Paulo Setubal em Santa Catarina" — USESC — Florianópolis — 1978

Garcez, Lucas Nogueira — "O poeta da bondade e da ternura" (Paulo Setubal) — Revista da Academia Paulista de Letras — n.º 57 — São Paulo — Setembro de 1952

Leão, Mucio — Paulo Setubal in "Autores e Livros" — n.º 15 — "A Manhã" — 9-5-1943 — Rio de Janeiro

Melo, Luis Correia — "Dicionário de Autores Paulistas" — Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo — 1954

Menezes, Raimundo de — "Dicionário Literário Brasileiro" — 2.ª edição — LTC Editores — 1978 — Rio de Janeiro

Ribeiro, João — "Quatro estudos sobre Paulo Setubal" — Jornal do Brasil — Rio e "Autores e Livros" — A Manhã — 9-5-1943

Ricardo, Cassiano — "Paulo Setubal, o poeta" — Revista da Academia Paulista de Letras — n.º 22 — junho de 1943

— "O elogio de Paulo Setubal na palavra de Cassiano Ricardo" — discurso de posse na Academia Brasileira de Letras — Revista da Academia Paulista de Letras — n.º 2 — março de 1938

Silva, Leila S. Menezes da — "Confiteor — o itinerário espiritual de Paulo Setubal" — in "Vozes do Tempo de Setubal" — 1983.

A autora venceu vários prêmios instituídos pela Casa Paulo Setubal, de Tatui.

Vanni, Nilzo — "Paulo Setubal" — in "Vozes do Tempo de Setubal" — Traço Editora — 1983.

Vieira Neto, Manuel Augusto — "Paulo Setubal - o bom tatuiano" in Semana Paulo Setubal — 7-8-1960

Vitor, Manoel — "Ficção e realidade na obra de Paulo Setubal" (Prêmio Literário de 1975) — Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia

Thiollier, René — "Paulo Setubal em São José" — Revista da Academia Paulista de Letras — n.º 5 — março de 1939



Uma das últimas fotos do escritor

FICHA TÉCNICA

Texto

HENRIQUE L. ALVES

Iconografia

CASA PAULO SETÚBAL  
PEDRO BRASIL BANDECCHI  
ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

Diagramação e arte final

HENRIQUE V. LOSINSKAS/AUGUSTO

Composição e impressão

SERVIÇO DE GRÁFICA DA  
SECRETARIA DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO,  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria da Cultura  
Deputado João Pacheco e Chaves